

PRÁTICAS DEMOCRÁTICAS NA ESCOLA DA PONTE: BERÇÁRIO DE CULTURA DE PAZ

*Claudia Maria Moura Pierre
Kelma Socorro Alves Lopes de Matos*

Introdução

Nossa reflexão se inicia pela indagação do que é necessário para se construir um mundo em que a paz seja uma realidade. E a preocupação específica é de que modo a escola pode contribuir para isto. Falar de paz incide, necessariamente, sobre a qualidade das relações humanas. Partimos do pressuposto de que um modo de convivência pacífica contempla a realização das pessoas em suas necessidades fundamentais. Daí a importância da temática.

A paz se manifesta nas condutas, e as condutas são a expressão do emocionar humano. Há duas emoções básicas no ser humano, o amor e o medo. Considerando que vivemos em sociedade, aprendemos o emocionar em nosso entrelaçamento com as outras pessoas. Dependendo da dinâmica das relações sociais, vamos nos estruturando no amor ou no medo.

Segundo Humberto Maturana (2002, p.75,76), a democracia é um modo de conduta baseado na emoção do amor, porque é esta emoção que aceita o outro como legítimo outro. Cultivamos ou não esta emoção segundo nosso espaço de convivência, seja ele democrático ou não. Necessário se faz, portanto, cultivar um modo de convivência em que a emoção do amor consista na emoção básica que guia as condutas. Partilhamos da proposição de Maturana para quem

A democracia existe apenas no âmbito do amor. Esta emoção especifica ações que, em função da aceitação do outro na convivência, inclui respeito, capacidade de

ouvir, consideração pelo outro, exercício da liberdade sem medo e a possibilidade de poder participar e exercer a autonomia (poder gerir o próprio destino e fazer as próprias escolhas). Democracia é um exercício do amor. Somente o amor propicia a realização deste domínio de condutas (PIERRE, 2012, p.25).

Tivemos a oportunidade de conhecer um espaço de convivência que propicia o modo de atuar democrático, a Escola da Ponte, Escola de Ensino Básico São Tomé de Negrelos, situado no distrito de Porto – Portugal. Trata-se de uma escola que por incentivar o espírito de colaboração, a livre expressão de si, a consideração pela opinião do outro, suscita condutas de paz. A seguir apresentamos um relato da experiência que tivemos na visita a essa escola.

Escola da Ponte: Algumas Características e Princípios Norteadores

Compartilhando da preocupação de como desenvolver um sistema educativo que auxilie no desenvolvimento pleno do ser humano, optamos por visitar a Escola da Ponte. Apesar de ser uma pequena escola, é reconhecida mundialmente por ter revolucionado a metodologia de ensino e modo de gestão.

Tendo adotado mudanças pedagógicas no ano de 1976, a Escola Básica Integrada – EBI Aves/São Tomé de Negrelos diferencia-se das escolas tradicionais. Ao invés do sistema de seriação, segue o de núcleos, considerando a aprendizagem dos alunos, sem preocupação com faixa etária. Os professores circulam pelos núcleos, assistindo os alunos que os solicitam para dirimir suas dúvidas, mas não ficam presos às horas aulas ou turmas específicas. Seguindo os critérios propostos pelo Ministério de Educação de Portugal, eles escolhem o que estudar e quando¹.

¹ Cf. <http://escoladaponte.blogspot.com.br/>.

Para realizarmos a visita, iniciamos o contato através da internet, dado que a escola é excepcionalmente visitada por pessoas ligadas às questões pedagógicas. Os responsáveis pela organização das visitas são os próprios alunos, que contribuem, também, com outras, como por exemplo, o cuidado com o material coletivo ou o agendamento de eventos escolares.

A visita foi marcada para o dia 28 de maio de 2012. Pegamos o trem de Porto-Guimarães até o vilarejo chamado “Vila das Aves”. Durante as paradas, foram adentrando jovens alunos da escola, oriundos de cidadelas próximas. Havia também o professor Ricardo, ministrante de Educação Física.

Como dito, esta escola tem várias características que a diferenciam do ensino clássico baseado em divisão em ciclos e salas de aula. Compreende 3 núcleos de ensino: *Iniciação, Consolidação e Aprofundamento*. Não há salas de aulas, há espaços pedagógicos, segundo a lógica dos núcleos, em que cada aluno desenvolve o seu projeto de estudo, orientado por tutores. São postas várias mesas juntas, formando um só local de estudo, que os alunos compartilham. Quando há dificuldade os colegas são estimulados pelo próprio sistema, à ajudar. Este auxílio se dá de duas maneiras: na própria mesa que compartilham, atendendo a uma solicitação do colega, ou através de comunicado, num flanelógrafo afixado no espaço educativo.

Na época da visita (maio de 2012), a escola tinha cerca de 170 alunos. O espaço físico é pequeno, por isso, as assembleias acontecem num teatro, nas adjacências do prédio. As atividades físicas são realizadas em outro local.

Enfocaremos a seguir alguns dados fundamentais sobre o projeto da escola, que são contemplados em suas práticas diárias. Ou seja, o que está especificado nos documentos ofi-



ciais é vivenciado, efetivamente. Os valores matriciais do projeto são: autonomia, responsabilidade, solidariedade e democraticidade.

Um princípio que guia o cotidiano da escola e é definidor de sua pedagogia é a consideração de que:

9. As necessidades individuais e específicas de cada educando deverão ser atendidas singularmente, já que as características singulares de cada aluno implicam formas próprias de apreensão da realidade. Neste sentido, todo o aluno tem necessidades educativas especiais, manifestando--se em formas de aprendizagem sociais e cognitivas diversas. As necessidades individuais e específicas de cada educando deverão ser atendidas singularmente (FAZER A PONTE – Projecto Educativo, p.3).

Assim, seguindo a orientação do currículo nacional, as atividades de aprendizagem são definidas pelos próprios alunos, a partir de seus interesses, e considerando seus próprios ritmos de aprendizagem. Há um outro artigo que endossa essa questão:

20. É indispensável a concretização de um ensino individualizado e diferenciado, referido a uma mesma plataforma curricular para todos os alunos, mas desenvolvida de modo diferente por cada um, pois todos os alunos são diferentes. Os conteúdos a apreender deverão estar muito próximos da estrutura cognitiva dos alunos, bem assim como dos seus interesses e expectativas de conhecimento (FAZER A PONTE – Projecto Educativo, p.3).

São cinco as dimensões fundamentais consideradas no processo de ensino: linguística, lógico-matemática, naturalista, identitária e artística. Considerando estas dimensões, é respeitada a apropriação individual do aluno, tutelada e avaliada pelos orientadores educativos. Outro fator de grande relevância a ser considerado é o respeito à autonomia e ao fator

emocional dos educandos. Assim proposto pelo item 17, do Projeto Educativo: “17- Não pode igualmente ser descuidado o desenvolvimento afectivo e emocional dos alunos, ou ignorada a necessidade da educação de atitudes com referência ao quadro de valores subjacente”.

Através do estímulo à solidariedade, e da maneira de conduzir a resolução de conflitos, este ponto é atendido pelos integrantes dessa comunidade educacional. A preocupação em atender as necessidades discentes é uma realidade. A escola se empenha apenas em atender as necessidades básicas do ser humano, como: criar um clima no qual os alunos sentem-se respeitados, considerados e ouvidos. Isto é patente na organização da vida escolar, em que os alunos participam da tomada de decisões importantes para o funcionamento da escola. Semanalmente, todas as sextas-feiras, há a realização de uma assembleia, das quais professores, pais e alunos participam. Todos têm direito a dar opinião, mas somente os alunos têm o direito de voto e veto. Esta prática estimula o exercício da democracia, que envolve valores como o respeito à diferença, capacidade de ouvir, estimulando e formando pessoas autônomas e solidárias, dado que cada um tem de tomar posições e considerar as necessidades de terceiros, assim como contribuir para o bem-estar do outro.

A existência da assembleia é definida no próprio projeto, assegurando aos alunos o exercício da cidadania – que compreende a participação e a corresponsabilidade na vida coletiva da escola. Assim está escrito no Projeto, Item VI-Sobre a Organização da Escola, artigo 39:

e) Os alunos, através de dispositivos de intervenção directa, serão responsabilmente implicados na gestão corrente das instalações e dos recursos materiais disponíveis e, nos termos do Regulamento Interno, tomarão

decisões com impacto na organização e no desenvolvimento das actividades escolares.

Através das resoluções tomadas em conjunto nas assembleias, os próprios alunos elaboram as regras de convivência que deverão reger suas condutas durante todo o ano. Esta escola é conhecida, também, por ser inclusiva, pois ela recebe alunos especiais.

A solidariedade é também exercida através de constantes exposições de painéis intitulados “Preciso de ajuda” e “Posso ajudar”, colocados diariamente pelos alunos nos murais.

Em entrevista concedida, José Pacheco, idealizador e diretor da instituição, afirmou que grande parte dos alunos que chegam à escola manifestam comportamento violento, mas, aos poucos, ao se integrarem à filosofia vigente, mudam as condutas, e passam a manifestar solidariedade.

Pelas observações feitas, verificamos que há um padrão diferente na relação professor-aluno, dados que as aulas expositivas quase não são ministradas e o contato aluno-professor acontece como se fosse numa aula particular.

Utilizamos a pesquisa documental, consultando os documentos da instituição, pesquisa bibliográfica, e observação direta, além do registro de breves conversas com estudantes, e falas dos alunos encarregados de explicar o funcionamento da escola. Tiramos fotografias, e ainda tivemos a oportunidade de conversar com os pais de um dos alunos.

Conversando com Freire, Maturana e Piaget sobre Aprendizagem e Democracia

A Escola da Ponte, por seus princípios e práticas vem ao encontro de asserções importantes focadas por grandes teóricos da aprendizagem e das interações sociais democráticas. Já



em seu Projeto educativo, sua proposta é claramente construtivista (vide artigo 35). Isto significa abraçar pressupostos da epistemologia genética, tais como: aprender a fazer fazendo – o que acontece através dos projetos coletivos de investigação, como no caso do estudo dos vulcões: pesquisa bibliográfica, construção de maquetes, visitas a sítios geológicos. O construtivismo considera a questão dos estágios de desenvolvimento cognitivo, respeitado tanto pela obediência à estrutura curricular, como pelo respeito ao ritmo próprio de cada aluno. Além disto, Piaget considera fundamental o desenvolvimento da autonomia na estruturação do ser humano.

Na Escola da Ponte, a autonomia é muito bem cultivada, desde o modo como é realizada a aprendizagem, até a participação coletiva nas assembleias e nas atividades desenvolvidas na manutenção da escola: são os alunos que definem a pauta das assembleias, e ajudam na limpeza e conservação do material coletivo.

Paulo Freire, seguindo os preceitos de Jean Piaget, foi um construtivista (GADOTTI, 2000). Muitas das ideias que ele defende têm como fundamento o construtivismo. Para Freire, quem constrói o conhecimento é o educando, sujeito do conhecimento. O educador é aquele que incentiva e coordena o processo.

Humberto Maturana (1990) afirma o mesmo sobre o papel do educador criar um espaço de convivência para o educando, de modo que ele possa realizar o *processo de mudanças estruturais*; e, que o processo de aprendizagem não é captação de informações, mas de contínuas transformações na estrutura interna do sujeito. Há algumas afirmações freirianas nas quais isto é bem claro, como quando afirma que *ensinar não é transferir conhecimento* (FREIRE, 1999, p.52) Nas palavras de Freire: *o papel fundamental (do professor)*

é incitar o aluno a fim de que ele produza a compreensão do objeto (percebe-se claramente a influência construtivista aqui). Assim, há uma comunhão de preceitos que norteiam o processo educativo entre estes autores que são respeitados na Escola da Ponte. A aprendizagem autônoma, sob a orientação do professor, vem ao encontro destas concepções relativas ao ato de educar.

O fator primordial a ser considerado na Escola da Ponte é o modo de convivência democrático. A conspiração democrática é a tônica que norteia as relações humanas nesta instituição escolar. A Escola da Ponte é um excelente exemplo de que este tipo de convivência é possível e pode ser cultivada como um modo de vida cotidiano.

Acoplada à experiência democrática, a questão do respeito é central. Isto é assim, tanto para Maturana como para Freire. Aliás, Freire não descuida dos conteúdos atitudinais que se devem estabelecer na relação educador/educando. Em relação as atitudes. o projeto é bem explícito (artigos 13, 17), mas o mais importante não é apenas o documento escrito, mas, como dito, se trata de uma prática efetiva na Escola.

Maturana afirma que respeitamos o outro, respeitando-nos... Freire é muito contundente ao falar da necessidade de se estabelecer uma relação de respeito quanto à autonomia do educando. O que, por extensão, implica em saber escutar. Para ele, só sabemos escutar quando o que temos a dizer não é necessariamente a verdade alvissareira por todos esperada, e que “o educador autoritário é aquele que se comporta como proprietário da verdade” (1999, p.131-132). Esta postura tem ligação com a conduta de respeito pela legitimidade do outro, e da assunção de que não temos acesso à verdade absoluta, como afirma Maturana. Tal atitude gera a possibilidade de diálogo. A frase que segue espelha também uma coincidência de va-



lores propostas pelos dois autores: para Maturana, se alguém acredita ter um acesso privilegiado à verdade, é incapaz de respeitar um ponto de vista diferente e manifesta uma conduta autoritária, pois o outro tem que se subjugar à verdade por ele defendida. Freire afirma que se acreditarmos que nosso pensamento é o único certo, somos incapazes de escutar (1999), o que enseja uma conduta autoritária. Para ele, o diálogo só é possível se houver respeito às diferenças e abertura aos outros. Considerando que cada aluno tem direito a expressar sua opinião, na Escola da Ponte não partem da presunção de que alguém tem a verdade, mas de que tudo está sujeito à análise, a questionamentos.

Uma afirmação das mais importantes emitidas por Piaget (1985), e fortalecida em Freire, e a de que a “afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (FREIRE, 1999, p.160) No que se refere ao desenvolvimento do ser humano, Piaget afirma que os aspectos cognitivos, sociais e afetivos das condutas são irreduzíveis, indissociáveis e complementares (PIAGET, 1985). A dinâmica preponderante na Escola da Ponte é de amorosidade, camaradagem, relação amigável entre alunos e professores.

Piaget afirma que ‘a afetividade constitui a energética das condutas’ e continua “não existe...nenhuma conduta, por mais intelectual que seja, que não comporte, na qualidade de móveis, fatores afetivos” (PIAGET, 1985, p.133). O autor faz a distinção entre dois tipos de relação social: a coação e a cooperação. Onde há coação há falta do diálogo e da participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento, impedindo assim, o desenvolvimento de categorias do pensamento. Nas relações de cooperação há discussão, o que promove o desenvolvimento cognitivo/moral, uma vez que possibilita acatar o que é dito como uma verdade por outras pessoas. Deste modo,



R 1484186

PERGAMUM
BCCE/UFC

a teoria de Piaget toca na democracia, tal como Maturana. Para o autor, a democracia só é possível numa relação de cooperação.

Considerando as práticas cotidianas de encontros semanais em assembleias, e o modo como é feita a resolução de conflitos, podemos afirmar que as relações sociais na Escola da Ponte são de cooperação, fato relevante, pois o grande teórico da Epistemologia Genética afirma que o desenvolvimento pleno da pessoa humana só acontece se as relações acontecerem cooperativamente – sem relações de submissão. Do contrário, se impede o desenvolvimento de estágios cognitivos e há implicações éticas nas relações humanas. Assim se expressa Yves de la Taille sobre Piaget, quanto à questão:

As relações de *cooperação* [...] são *simétricas*, portanto, regidas pela reciprocidade. São relações constituintes, que podem pois, mútuos acordos entre os participantes, uma vez que as regras não são dadas de antemão. Somente com a cooperação, o desenvolvimento intelectual e moral pode ocorrer, pois ele exige que os sujeitos se *descentrem* para poder compreender o ponto de vista alheio. No que tange à moral, da cooperação derivam o *respeito mútuo e a autonomia*. Para Piaget, as relações entre crianças promovem a cooperação, justamente por se configurarem como relações a serem constituídas entre seres iguais (TAILLE, 1992, grifos do autor).

Considerações Críticas

Sobre o modelo de aprendizagem realizado pelos alunos, o que nos chamou atenção, primeiramente, foi o fato de um aluno estar concentrado, estudando matemática e o seu vizinho, estudando história. Caso algum deles tenha dúvidas, pode recorrer ao colega. O professor pode ser considerando em primeira mão para o auxiliar,.



O que percebemos é que mesmo com as vantagens da proposta, a estrutura da escola ainda sofre para acompanhar as demandas suscitadas por tal método, principalmente quanto ao número de professores, pequeno para atender os discentes de forma adequada, com atenção particular. E isto, considerando que a escola possui poucos alunos se comparados aos números de outras escolas, tanto públicas, quanto privadas. A segunda observação a ser feita, é que, como não é permitido aos alunos chamarem o professor em voz alta, alguns passam algum tempo, com a mão levantada, esperando o professor chegar para dirimir sua dúvida. Este é um problema ainda maior em se tratando de alunos tímidos pois não insistem, como os outros, pela presença dos docentes, e seguem sem ter suas necessidades atendidas.

Houve um episódio particularmente revelador sobre a preparação da equipe em relação as questões de orientar sem impor. Durante o almoço com “os miúdos”, a banana acompanhava a refeição. Um garoto implorou-nos para não comer a banana, que “detestava”, porém estava com medo da inspeção. Ele pôs então, a fruta ao lado de nosso prato. A pessoa encarregada, vendo seu gesto, veio imediatamente e disse que ele tinha de comer a banana. Nesse episódio, transpareceu uma lacuna quanto a amorosidade, pois a atitude baseou-se no medo, na obrigação, no impedimento ao aluno de poder fazer escolhas quando à sua alimentação.

Considerações Finais

As instituições escolares podem, portanto, constituir-se em espaços privilegiados onde certos saberes, práticas, modos de atuar são cultivados intencionalmente através de suas metodologias, modo de gestão, e abordagem de conflitos. Então,

há escolas que por suas práticas de ensino-aprendizagem, e por seu modo de gestão, são consideradas autoritárias, e outras que erigem espaços de convivência democrática.

As escolas autoritárias são aquelas em que os processos decisórios, desde as metodologias em sala de aula até sua estrutura administrativa, acontece sem a participação dos alunos, e demais membros da comunidade escolar. Neste tipo de escola, as estruturas de poder são rígidas, assim como as avaliações, gerando o medo, que faz parte de sua dinâmica. As instituições educacionais democráticas, ao contrário, são participativas, há constante revisão de suas práticas através de reuniões com possibilidade de questionamentos, mudanças, e considerações quanto às necessidades dos educandos.

A democracia supõe valores como a liberdade de expressão, e a consideração pelo parceiro, alguém de igual direito. Por estas características, e por alguns valores próprios do modo de convivência democrática, tais como as relações de parceria, podemos afirmar que as interações sociais na Escola da Ponte são democráticas. Há muito para aprender com essa experiência, portanto, apesar de não ser algo acabado, a proposta da escola comunga com o que Milani, citado por Filho (2008, p.108) indica ao que se refere à abordagem da Cultura de Paz, e ressalta diversas estratégias:

uma relação educador/educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar...aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado de respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LA TAILLE, Y. O lugar da Interação Social na Concepção de Jean Piaget. In: LA TAILLE, OLIVEIRA, M. e DANTAS, H *Piaget, Vygostsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- FILHO, N. A. Educação para a paz: saberes necessários para a formação continuada de professores. In: MATOS, K. NASCIMENTO, V; JUNIOR, N. (Orgs.). *Cultura de Paz: do conhecimento à sabedoria*. Fortaleza: UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos).
- MATURANA, Humberto. *Uma nova concepção de aprendizagem*. 1990. (Mimeo).
- _____. *Emoção e linguagem em educação e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- PIAGET, J. INHLEDER, B. *A Psicologia da criança*. São Paulo: Difel, 1985.
- PIERRE, C. Contribuição da biologia do conhecimento para a compreensão do processo educativo: fundamentos para as relações democráticas e constituintes da cultura de paz. In: *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade III*. Coleção Diálogos Intempestivos. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). Fortaleza: Edições UFC. 2012.
- PROJECTO FAZER A PONTE. www.escoladaponte.pt. acesso em 2012.

